

Bailes funk na pandemia: a festa sem máscara

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA ou SIMPÓSIO: Formação musical, diversidade e cultura: etnomusicologia e educação musical em diálogos e interações

Thiagson -Thiago Barbosa Alves de Souza
ECA/USP- thiagson@usp.br e thiago89alves@gmail.com

Resumo. A opinião pública condena, mas os bailes funk de rua com aglomeração, sem máscaras e medidas de proteção continuam durante a pandemia, tão firmes quanto o contágio e as mortes pela COVID-19. Como compreender esse fenômeno levando em conta que a condenação da prática festiva nada adianta? Talvez, pior, tal condenação alimente o desejo de transgressão de parte do movimento Funk. Utilizando dados sobre diversos tipos de riscos à vida nas periferias, este artigo traz algumas questões sobre os bailes de rua durante a pandemia, aliado a uma breve análise do significado mais amplo do ato de não usar máscara em aglomerações festivas das favelas brasileiras.

Palavras-chave. Baile funk na pandemia. covid-19. favela. paraisópolis. sars-cov-2.

Funk Parties during the Pandemic: The party Without Mask

Abstract. Public opinion condemns it, but funk street parties with crowds, without masks and without protective measures continue during the pandemic, as firm as the contagion and deaths by COVID-19. How to understand this phenomenon taking into account that the condemnation of the festive practice does not work? Perhaps, worse, such condemnation fuels the desire for transgression on the part of the Funk movement. Using sources on different types of risks to life in the suburbs, this article raises some questions about street parties during the pandemic, together with a brief analysis of the broader meaning of the act of not wearing a mask in festive agglomerations in Brazilian favelas.

Keywords. funk party in pandemic. Covid-19. favela. paraisópolis. SARS-CoV-2.

1. Novas normas, novas transgressões

"Muita gente, muita gente, muita gente acha que a pandemia já acabou", afirma Rodrigo Bocardi na manhã de segunda-feira, 9 de novembro de 2020¹.

Bocardi, jornalista e apresentador do telejornal *Bom Dia São Paulo* da TV Globo – uma das maiores emissoras televisivas do Brasil – diz a frase de forma condenatória antes de exibir cenas de um baile funk de rua na favela de Paraisópolis, uma das maiores do estado de São Paulo, localizada na zona sul em meio aos distritos de Campo Limpo, Vila Andrade e Morumbi.

As imagens exibidas vinham, segundo o programa televisivo, das redes sociais.

¹ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/9007219/programa/>> Acesso em 1 Dez. 2020.

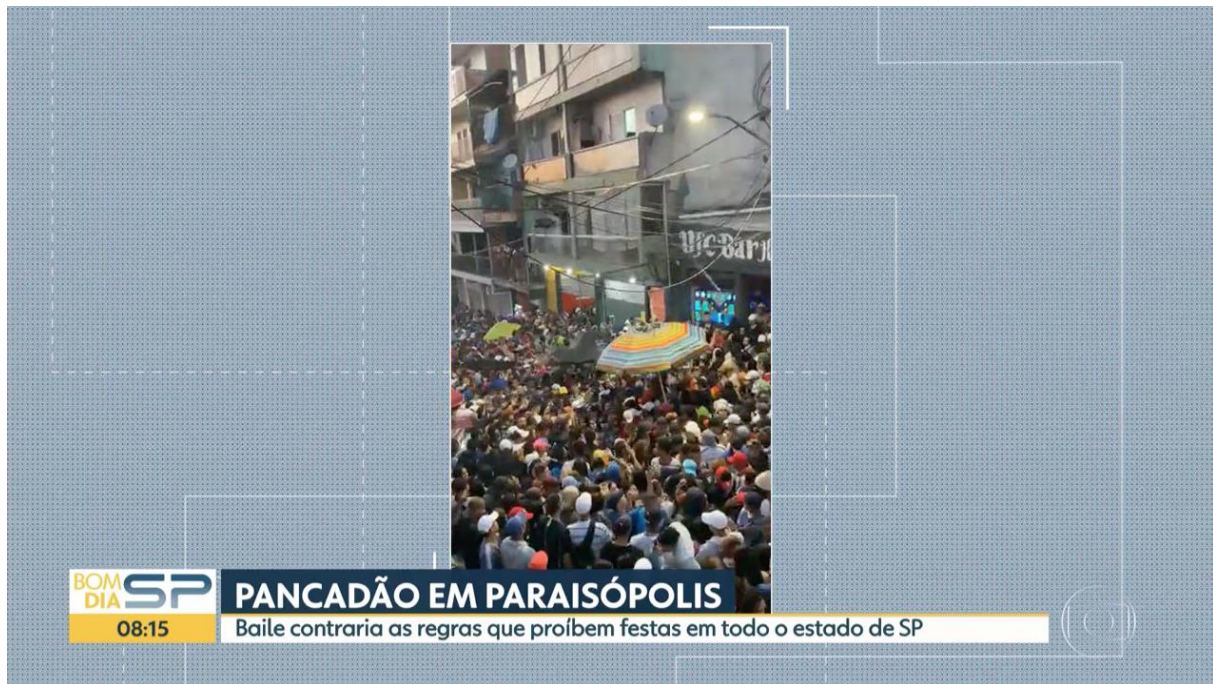


Figura 1: Captura de tela do telejornal.

Esta é apenas uma das abundantes reportagens midiáticas que tratam da existência de bailes funk de rua (também chamados de *fluxos*) durante a pandemia.

Vale lembrar que o Funk, mesmo quando não se mostra em alta intensidade nas ruas, frequentemente contraria as normas socialmente aceitas. E isso desde o seu início no Rio de Janeiro. Em 25 de outubro de 1992, por exemplo, o *Jornal do Brasil* traz a matéria *Movimento Funk Leva Desesperança* (apud. LOPES) onde se refere aos funkeiros da época como "hordas de adolescentes desassistidos".



Figura 2: Jornal do Brasil, 25 de outubro de 1992.

Adriana Facina, contextualiza esta matéria jornalística como um processo do que ela chama de "fabricação do inimigo" funk. Para a antropóloga, esta imagem dos funkeiros como o mal da sociedade seria uma estratégia, influenciada pela política de guerra às drogas, de autorização do extermínio da população periférica que sofreu com os efeitos negativos do neoliberalismo dos anos 90, isto é, a desigualdade social e o desemprego. Assim, era preciso, antes do encarceramento e do extermínio, vender a ideia da maldade essencial dos moradores das favelas, funkeiros e tudo mais que estivesse associado à cultura das periferias cariocas. Facina nos lembra que é justamente nesta época, de proliferação de matérias jornalísticas que condenam o Funk, que ocorreram três grandes chacinas no Rio de Janeiro: chacina do Acari (1990), chacina da Candelária e a chacina de Vigário Geral² (ambas em 1993).

Estes dados trazidos por Facina já mostram como, antes da pandemia, o risco de morte da população periférica e marginalizada era muito maior.

Em 2020, como consequência da pandemia, surge uma nova forma de transgressão: aglomeração festiva sem uso de máscaras ou qualquer medida de proteção.

2. Usar ou não usar máscara: eis o significado de cada escolha.

² FACINA, Adriana in BRAGANÇA, 2020, p. 11-13.

O Funk brasileiro atual é um gênero de música eletrônica dançante (PALOMBINI, 2009, p. 50), cultivado primeiramente nas favelas do Rio de Janeiro e, posteriormente, espalhou-se pelas *quebrada*³ do resto do país.

Do mesmo modo que não podemos ter um entendimento amplo de Mozart sem falar da sociedade de seu tempo, da aristocracia e do mecenato, não podemos falar do Funk sem esbarrar nos problemas que criaram as favelas e suas músicas: racismo, desigualdade social, tráfico de drogas etc... No fundo, é necessário abordar as condições materiais que criam um gênero musical.

Como Walter Benjamin que, abordando a luta de classes, considero necessário expor que a realidade concreta tem influência no nosso universo imaterial: "A luta de classes, que um historiador educado por Marx jamais perde de vista, é uma luta pelas coisas brutas e materiais, sem as quais não existem as refinadas e espirituais" (BENJAMIN, 1985).

Assim, o uso ou não uso de máscara tem a ver com a realidade material. Este hábito de cuidado, esta pulsão de vida – para usar um termo freudiano – está mais presente, via de regra, nas camadas privilegiadas. Aliás, a possibilidade de fazer quarentena é um privilégio.

O grande problema é que, como vimos nesta pandemia, justo os que menos usam máscaras são os mais afetados pelos males da COVID-19: a periferia é mais vulnerável. *Homens negros, moradores de periferias, são os mais vulneráveis à Covid-19, diz pesquisa da UFMG* assim constata a matéria homônima publicada em 12 de dezembro de 2020 pelo portal G1 de Minas Gerais⁴.

Se a população periférica é a mais vulnerável, então, surge a pergunta: por que a favela continua a ser menos cuidadosa mesmo sofrendo mais as consequências? E esta é uma dúvida um tanto ingênua, pois há séculos a relação que se tem com a vida e com a morte é outra nas *quebrada*.

O que Rodrigo Bocardi não disse na manhã de 09 de novembro, uma segunda-feira que precedia um final de semana inteiro de bailes em Paraisópolis, é que quase um ano antes, em 01 de dezembro de 2019, 9 jovens foram mortos no mesmo baile graças a ação policial. Morre-se mais facilmente nas periferias.

³ O não uso do plural é intencional, por isso o itálico. Como Franz Fanon, acredito que falar "é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização." (FANON, p. 33, 2008).

⁴ Disponível em <<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/12/01/homens-negros-moradores-de-periferias-sao-os-mais-vulneraveis-a-covid-19-diz-pesquisa-da-ufmg.ghtml>>. Acesso em 18 de junho de 2021.

A resposta para a negligência quanto a profilaxia pode estar aí. Os ditames do Estado são, há séculos, ignorados nas favelas, pois, quando o Estado se mostra, ele não costuma ser *legal* – pra usar um irônico eufemismo.

Além de ser encarado como opressor, o Estado é também símbolo de distância social. Um Dória falando "é preciso usar máscara", traz em seu semblante privilégios estampados no rosto. Privilégios que estão extremamente distantes das vidas de muitos moradores de favela: a reportagem do *Jornal do Brasil* acima diz de modo preconceituoso que a escolaridade de um "funkeiro típico" da época é mais ou menos a quinta série. Mas, infelizmente, ainda há realidades assim.

Um maestro regendo uma orquestra, não obstante as diversas iniciativas de práticas musicais de concerto em regiões periféricas, pode ser também um símbolo de distância social, com seus anos de estudo, um representante musical do Estado.

3. "Coronavírus nunca me assustou"

Com a morte não se negocia. Este fato exige que uma análise do não uso de máscaras em aglomerações de bailes funk de rua seja vista com maior rigor e aprofundamento nas discussões. Isto implica em não usar um moralismo condenatório, mas também em não romantizar as causas que geram a negligência por parte dos frequentadores de bailes funk.

Também, há que se considerar que, como a letra da canção *O Quereres* de Caetano Veloso, o desejo de transgressão (presente na história do Funk) ganha nas reações dos que condenam os bailes mais energia para guiar o jeito de ser dos funkeiros e funkeiras, de modo que o não uso de máscaras seja convertido em um demarcador social.

Uma dos funks de maior sucesso nos bailes e nas redes sociais neste período pandêmico foi a montagem *EU JÁ PEGUEI COISA PIOR - VAI TOMA NO C -*, dos MC's GW, RD e MN, com a produção dos DJ's Duarte, TN Beat e Feeh. A música inicia com um trecho do refrão da canção *Eu já Peguei Coisa Pior*, um sertanejo pop, também composto no período pandêmico, do cantor Thierry⁵. Nesta canção, o cantor de sertanejo afirma "coronavírus nunca me assustou", claro que em seu contexto, Thierry atenua esta afirmação ao brincar, em seguida, que "já pegou coisa pior", referindo-se às namoradas.

No sertanejo pop atual, pode-se falar uma frase como "coronavírus nunca me assustou", desde de que isso seja atenuado, em seguida, por uma brincadeira. Mas, no funk, o contexto é outro. A montagem *EU JÁ PEGUEI COISA PIOR - VAI TOMA NO C -* repete apenas

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KtzZL_2e1x8> Acesso em 1 Dez. 2020.

o trecho "coronavírus nunca me assustou", logo em seguida o MC GW é enfático e canta "vai tomar no cu, corona!" (YOUTUBE). Este desdém, este desprezo com orgulho, é um demarcador político, social, antropológico e, evidentemente, musical⁶.

4. Máscaras, o que elas revelam?

A máscara quando entendida como proteção revela que o problema do não cuidado é anterior, na vida das favelas, à pandemia. Na cultura de muitos moradores de favela, o sexo muitas vezes não é feito com proteção, há, via de regra, maiores casos de gravidez precoce nas periferias (CHALEM, Elisa; MITSUHIRO, Sandro Sendin; FERRI, Cleusa P.; BARROS, Marina Carvalho Moraes; GUINSBURG, Ruth Guinsburg; LARANJEIRA, Ronaldo, 2007.)

Também não há máscara (capacete ou cinto de segurança) quando se conduz um veículo automotivo (moto ou carro) nas vielas das favelas (SOUTO, Rayone Moreira Costa Veloso; CORASSA, Rafael Bello; LIMA, Cheila Marina de ; MALTA, Deborah Carvalho, 2020).

Lembro-me quando fui a um fluxo organizado pelos moradores de uma favela em Santo André, no ABC paulista, e um amigo, morador e motorista do carro que me conduzia, avisou a mim "na quebrada não se usa cinto de segurança, se usar sabem que é alguém de fora."

O não uso de máscara é um velho princípio que se apresenta superficialmente como fenômeno novo.

Por último, não há máscara (controle da intensidade sonora) na escuta dos bailes de rua, a alta intensidade é a prioridade – principalmente pelo contexto dos bailes de rua, em que há vários outros carros de som –, o que muitas vezes pode chegar a um volume sonoro que causa dor. Quando estive em Paraisópolis, no mesmo baile condenado por Bocardi, houve momentos em que senti dor e tampei os ouvidos.

Estas "negligências" com a própria vida, são divisores de sociedades. Não são frutos do acaso ou da desinformação dos moradores das favelas, funkeiros(as), frequentadores de bailes. São decisões, conscientes ou inconscientes, que têm a função de dizer o lado que cada um ocupa na sociedade: dependendo do lugar que cada integrante da sociedade está, a relação com a vida e, conseqüentemente, com a morte será diferente uma da outra.

5. Embriaguez sonora

⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GfDbOEON874>> Acesso em 1 Dez. 2020.

Barry Blesser no artigo *The Seductive (Yet Destructive) Appeal of Loud Music* [O Apelo Sedutor (Ainda que Destrutor) da Música Alta] traz algumas explicações para o fato de gostarmos de ouvir música em alta intensidade. Uma delas é o fato de que ao ouvir música alta, estamos nos "cegando" da realidade à nossa volta, quando o som está intenso não ouvimos outros estímulos auditivos que podem estar em intensidade inferior (BLESSER). Assim, a alta intensidade dos bailes pode revelar, junto de todas as outras atos de não proteção, um desejo de não considerar a realidade, ou mesmo de não olhar para ela. Considerando as condições socialmente adversas em que muitos funkeiros e funkeiras vivem, ainda mais na pandemia, não parece sedutor querer encarar a realidade. "A música me faz esquecer minha real situação"⁷ (TOLSTOY *apud.* BLESSER).

6. (In)Conclusões

Não há respostas nem soluções fáceis para a questão dos bailes funk de rua que ocorrem durante a pandemia. Contudo, espera-se que uma análise aprofundada vá além da proibição, do moralismo condenatório da opinião pública e também da romantização das favelas. É preciso entendermos um certo gozo que habita nesta forma de transgressão.

As capturas de tela a seguir mostram as postagens do Instagram da conta @bailedohelipa.ofc, uma conta dedicada à divulgação do baile funk de rua que ocorre na favela de Heliópolis. Nas legendas que acompanham as fotos, vemos risos e uma zombaria da imprensa que filma cenas do baile e lamenta.

⁷ Tradução livre.



Figura 3. Captura de tela de postagem de 11 de janeiro de 2021.



Figura 4. Captura de tela de postagem de 18 de janeiro de 2021.



Figura 5. Captura de tela de postagem de 26 de dezembro de 2020.

É preciso que entendamos as razões que motivam este gozo e o desprezo às normas de segurança que prezam pela vida da população. Um entendimento mais amplo permitirá um maior poder de ação.

Este texto tentou mostrar como o não uso de máscaras e as aglomerações festivas dos bailes de rua se apresentam como novas transgressões, mas são frutos de um velho problema social. Novos sintomas de uma antiga doença.

Encerro com duas frases clichê: "nada de novo no front" e "isso a Globo não mostra."

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de História*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo, Brasiliense, 1985.

BLESSER, Barry. *The Seductive (Yet Destructive) Appeal of Loud Music*. Disponível em <<http://www.blessner.net/downloads/eContact%20Loud%20Music.pdf>>. Acesso em 01 dez. 2020.

BRAGANÇA, Juliana da Silva. *Preso na gaiola: a criminalização do funk carioca nas páginas do Jornal do Brasil (1990-1999)*. 1. Ed. Curitiba: Appris, 2020.



CHALEM, Elisa; MITSUHIRO, Sandro Sendin; FERRI, Cleusa P.; BARROS, Marina Carvalho Moraes; GUINSBURG, Ruth Guinsburg; LARANJEIRA, Ronaldo. *Gravidez na adolescência: perfil sócio-demográfico e comportamental de uma população da periferia de São Paulo, Brasil*. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 23(1):177-186, jan, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csp/a/qt5Jht57ybzGndpC5ZxNHnL/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em 28 de junho de 2021.

GLOBOPLAY. *Paraisópolis registra pancadões no fim de sem*. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/9007219/programa/>> Acesso em 1 Dez. 2020.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira . - Salvador : EDUFBA, 2008.

LOPES, Adriana Carvalho. *Funk-se Quem Quiser: no batidão negro da cidade carioca*. Rio de Janeiro: Bom Texto, Faperj, 2011.

PALOMBINI, Carlos. *Soul brasileiro e funk carioca*. Opus: Revista da ANPPOM. V. 15. 140p. p. 37-61, 2009.

SOUTO, Rayone Moreira Costa Veloso; CORASSA, Rafael Bello; LIMA, Cheila Marina de ; MALTA, Deborah Carvalho. *Uso de capacete e gravidade de lesões em motociclistas vítimas de acidentes de trânsito nas capitais brasileiras: uma análise do Viva Inquérito 2017*. REV BRAS EPIDEMIOL 2020; 23: E200011.SUPL.1. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rbepid/a/rDHKFJrMz3BfRXgCCGTLy3c/?format=pdf&lang=pt>> . Acesso em 28 de junho de 2021.

YOUTUBE. *EU JÁ PEGUEI COISA PIOR - VAI TOMA NO C - MC GW, MC RD e MC MN (DJ Duarte, DJ TN Beat e DJ Feeh)* Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GfDbOEON874>> Acesso em 1 Dez. 2020.